

# As satélites e seus problemas de origem

Iara Alencar

Após 20 anos de consolidação de Brasília, as suas cidades-satélites — que deveriam ter surgido por etapas e gradativamente como previa o plano urbanístico da «nova capital» — somam hoje o maior contingente populacional do Distrito Federal, com mais de um milhão de habitantes, segundo previsões técnicas da Codeplan.

No entanto, as condições de emergência em que foram construídas, devido o crescimento de Brasília ter ultrapassado as previsões dos planejadores, causaram em todas elas problemas até o momento sem soluções.

Criadas inicialmente para abrigar as invasões que ocorriam constantemente em Brasília (ameaçando não só as áreas vazias do Plano Piloto como também os locais a ele periféricos que não haviam sido previstos para núcleos habitacionais), as satélites brasilienses apresentaram esse crescimento vertiginoso devido em grande parte à continuidade do fluxo migratório para o Distrito Federal e à transferência de famílias que, instaladas no Plano Piloto, acabaram por se deslocar para a sua periferia por problemas de caráter sócio-econômico.

Planaltina e Brazlândia, existentes antes da construção de Brasília como tradicionais cidades goianas, foram incorporadas ao Distrito Federal como regiões administrativas e, a exemplo das demais, sofreram as influências do fluxo migratório, expandindo-se rapidamente, fato que determinou uma inversão nos seus valores culturais e econômicos a priori renegados pelos seus próprios habitantes que estavam envolvidos pela mística de Brasília e que agora se empenham no entanto, em recuperar esses valores.

## SITUAÇÃO

Todas as cidades-satélites apresentam problemas em comum, como a falta de saneamento básico (benefício do qual se serve apenas o Guará e Sobradinho), urbanização quase inexistente, deficiência dos serviços comunitários (principalmente no setor de saúde e transporte coletivo), situação irregular pela morosidade da Terracap em regulamentá-los, precárias condições de segurança e um alto índice de marginalização do menor, dentre outros problemas.

Entendem os habitantes dessas cidades que seus problemas são agravados em razão da renda média da população, que está em torno de dois salários mínimos pelos estudos da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central. Dizem os técnicos do Governo do Distrito Federal que esses dados «são indicadores das reais condições de vida da grande maioria dos habitantes de Brasília», prejudicada ainda pelo fato de residir em cidades-dormitórios que sobrevivem em função do Plano Piloto, com uma pequena exceção para Taguatinga, que já absorve a maior parte de sua população no mercado de trabalho local.

Fazer das cidades-satélites núcleos mais humanos e independentes do Plano Piloto, nos aspectos econômico, cultural e de lazer, é a principal tarefa a que vem se dedicando os representantes daquelas comunidades através de suas associações de classe. Contudo, lamentam eles que «muito pouco as cidades-satélites poderão conseguir enquanto Brasília não contar com reais representantes políticos, eleitos pela sua população». Esse, aliás, é um movimento em que se engajam todos os



Sobradinho está ameaçado pela erosão que se iniciou na sua periferia, por deficiência de escoamento.

segmentos da comunidade brasiliense, com grande respaldo nas cidades-satélites, as quais até já se organizam para receber diretórios dos partidos políticos, pois só assim os habitantes da periferia do Plano Piloto acreditam poder eleger, dentro em breve, os seus representantes junto à Câmara e ao Senado Federal.

## CEILÂNDIA

Com cerca de 312 mil habitantes, a Ceilândia é hoje a segunda maior cidade-satélite do Distrito Federal, com apenas nove anos de fundação. A sua criação não constava do plano urbanístico do Distrito Federal, mas em março de 1971, numa operação de emergência, foram deslocadas para a área de grande cerrado que era a Ceilândia perto de 80 mil pessoas que viviam em invasões então radicadas, como Vila IAPI, Morro do Urubu, Querosene, Vila Tenório e outras das imediações do Núcleo Bandeirante.

Na época da remoção dessas favelas, 17 mil lotes foram oferecidos pelo GDF às famílias que se dirigiram para a Ceilândia. Hoje, somente o setor P da cidade, construído recentemente pela SHIS, conta com 15.400 residências que abrigam mais de 100 mil pessoas.

Apesar de ser a cidade-satélite onde o Governo do Distrito Federal mais tem investido, como demonstram os dados orçamentários da Secretaria de Governo, a Ceilândia é um dos núcleos de Brasília que apresentam os mais graves problemas de urbanização, segurança, saúde, lazer e serviços comunitários em geral.

## ADMINISTRAÇÃO

Para a administradora Maria de Lourdes Abadia Bastos, o GDF ainda não teve condições de acompanhar o ritmo de crescimento da Ceilândia. Por esse motivo, lembra ela que a população pioneira de Brasília, «aqueles que ajudaram na construção da cidade», não está bem.

Contudo, ressalta Maria de Lourdes que em todos os aspectos a cidade está bem melhor do que o que existia em 1971. Do ponto de vista social, frisa ela que a população da Ceilândia, de baixíssimo poder aquisitivo, recebeu do GDF as mais bonitas escolas da rede oficial de ensino. Houve a

preocupação de «atender a população naquilo que constitui a sua segunda aspiração, depois de casa própria, pois todas as famílias da Ceilândia querem dar a seus filhos a educação que não receberam».

Diz ainda a administradora da Ceilândia, que a cidade, então tida como um reduto de marginais nas páginas policiais dos jornais locais, vem contando com dados indicadores de uma grande melhoria no tocante à educação de sua comunidade. Segundo ela, os 65 oratórios públicos da Ceilândia são os mais conservados de Brasília, de acordo com dados da Telebrasil, fato que se estende às placas de sinalização e aos ônibus executivos.

## SEGURANÇA

Entretanto, é ainda a Ceilândia o local onde se verifica o maior número de ocorrências policiais no Distrito Federal. Mais a Secretaria de Segurança Pública, apesar de garantir a informação, não oferece a precisão desses dados. Por outro lado, em relação ao problema do menor abandonado, os últimos estudos da Fundação do Serviço Social indicam que mais de 50% dos menores de conduta anti-social do Distrito Federal são moradores das satélites da Ceilândia e do Gama.

A Assistente Social e administradora Maria de Lourdes acredita que grande parte dessas ocorrências policiais é decorrente do deficiente sistema de segurança oferecido aos moradores da Ceilândia, agravado ainda pela precária iluminação de suas vias públicas. Segundo ela, a promessa da Secretaria de Segurança Pública de dotar a cidade de um policiamento adequado ainda não foi concretizada.

No entanto, para os presidentes das Associação Comercial e da Associação de Moradores da Ceilândia, respectivamente Lourival Silva e Gonçalo Gonçalves, além do problema de segurança, há mais outras grandes preocupações: O saturamento das fossas sépticas, já que a cidade não conta ainda com uma rede de esgoto; o fato da Ceilândia, apesar da população não ter ainda regularizado grande parte dos seus lotes, e não haver ali sequer um hospital, mas apenas um posto de saúde que vem atendendo em maior número somente aos casos de vacinação. Outra

grande reivindicação dos habitantes da Ceilândia se refere à protelada autonomia administrativa, ainda subordinada à administração de Taguatinga, apesar de que, no início deste mês, o governador do Distrito Federal, através de decreto, delimitou toda a área de jurisdição da Ceilândia, incluindo o Setor P, O e Guararoba, e um departamento próprio de pessoal e fiscalização de obras, o que foi visto pela administradora da Ceilândia como o primeiro passo para a emancipação da cidade.

## MEDIDAS

«Com vistas a fazer da cidade nos próximos anos, um lugar agradável de se morar», como salienta Maria de Lourdes, em termos de infra-estrutura a Ceilândia receberá este ano mais de 200 milhões de cruzeiros do Banco Nacional da Habitação, dando início à implantação de sua rede de esgoto pela QNM 26. Para melhorar a iluminação pública, sete milhões e 700 mil cruzeiros serão aplicados este ano nos setores O, Guararoba e centro da Ceilândia. Quanto ao setor P, entregue pela SHIS sem nenhuma iluminação pública, explicou Maria de Lourdes que esse problema deverá ainda ser resolvido pelo GDF.

No setor de Saúde, 100 milhões de cruzeiros deverão ser investidos pelo GDF na construção do Hospital da Ceilândia. A cidade receberá também nove postos de saúde este ano, e dessa forma, acredita a administradora, «todo o problema de atendimento de casos de doença será resolvido, sendo que no setor P será construído o maior laboratório do DF».

Espera a administradora da Ceilândia que o governo resolva também grande parte dos problemas no setor de transporte de massa daquela satélite, sendo que o GDF, segundo ela, já adiantou oito milhões de cruzeiros para a urbanização das vias principais da cidade.

## TAGUATINGA

Taguatinga, a mais populosa cidade-satélite do Distrito Federal, conta hoje com cerca de 350 mil habitantes que enfrentam, como as demais cidades-satélites, os mesmos problemas de saneamento básico, infra-estrutura, deficiência de serviços comunitários, dentre

outros. No entanto, é a única com quase total independência do Plano Piloto, deixando-se ser uma cidade-dormitório para absorver grande parte de sua população no mercado de trabalho local.

«Taguatinga somente agora vem caminhando a passos largos para a sua consolidação», diz o presidente de sua Associação Comercial e Industrial, José Maria Coelho. Contudo para se efetivar essa consolidação, a cidade precisa dotar de um setor industrial, dentro das normas de não poluição, pois somente assim os empresários poderão oferecer maiores condições de emprego à grande massa de operários e comerciantes que continuam desempregados ou enfrentam o subemprego em Brasília».

Defende José Maria que o governo do Distrito Federal deve adotar realmente a sua política de criar nesta região geoeconômica pólos industriais e de desenvolvimento, evitando assim o acentuado fluxo migratório para o Distrito Federal. Entretanto, entende ele que «o GDF não pode impedir que os empresários aqui radicados cresçam com a cidade que ajudaram a construir. Além do mais, que dentro em breve, com a desaceleração do setor de construção civil, grande massa de trabalhadores ficará desempregada, e para evitar a marginalização de sua população carente, Brasília precisa dotar as suas satélites de um sólido mercado de mão-de-obra, evitando também a grande dependência em relação aos grandes centros do País».

## MORADIA

Os moradores de Taguatinga, a exemplo do diretor da ACIT, muito reclamam da sujeira da cidade. No setor QNG, a criação de uma miniprefeitura, com representantes eleitos pelos seus habitantes, foi uma forma por eles encontrada para minorar os problemas de infra-estrutura do setor, como o vazamento de esgoto pelas ruas e lixo amontoado por toda a área residencial.

A idéia das miniprefeituras, vem se espalhando por todas as cidades-satélites, «pois os seus habitantes» ressaltam os dirigentes classistas, «acabaram por entender que somente a mobilização em torno de determinado objetivo será capaz de pressionar o Governo no atendimento das reivindicações».

Segundo José Maria Coelho, isso vem fazendo com que a representação política para Brasília seja «uma realidade quase palpável, que só não existe de direito, mas o Governo está aberto a essa reivindicação e concederá ao brasiliense o direito constitucional de votar».

Os moradores de Taguatinga acreditam que somente com uma representação política para Brasília essa cidade-satélite poderá vir a ter grande parte dos seus problemas resolvidos. Apesar disso, consideram que o «governo Lamaison vem demonstrando preocupação em resolver esses problemas e, pela primeira vez, foi escolhido para administrar a maior satélite do DF alguém a par dos seus problemas, já que o administrador Benedito Augusto Domingos há quase 20 anos acompanha e vivência as carências de Taguatinga».

## PLANALTINA

A ex-cidade goiana Planaltina, que hoje conta com mais de 120 anos, segundo o seu administrador, Salviano Borges, sofreu um grande retrocesso econômico com a construção de Brasília. «ao contrário do que muita gente esperava. Perdeu parte dos seus valores culturais e econômicos com o surgimento da

«nova capital», pois a sua população passou a contestar o que tinha de tradição e a cidade então começou a se esvaziar. Depois, com a consolidação de Brasília foi pior: Planaltina passou a absorver grande contingente de famílias carentes em sua área territorial, com todos os problemas que isso acarretou».

«A cidade — diz Salviano Borges — passou então a abrigar uma população com novos valores que levou o arquiteto Paulo Magalhães a elaborar um plano diretor que deveria preservar a parte urbana antiga, ao mesmo tempo em que criava condições para a construção de um novo núcleo residencial, que acabou resultando em setores carentes, como Vila Burity e Vicentina, que não contam ainda com rede esgotos e têm todos os seus lotes tomados por barracos de madeira abrigando de três a cinco famílias».

## HISTÓRICO

Estreitamente vinculada à história da interiorização da Capital Federal, já no dia 7 de setembro de 1922, no governo do presidente Epitácio Pessoa, foi assentada em Planaltina a «pedra fundamental da futura Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil».

«E apesar de todas as modificações ocorridas na cidade com a consolidação de Brasília — diz Salviano Borges — Planaltina volta a se afirmar como uma cidade agrícola, e a maior produção agropecuária do Distrito Federal está em nossa região administrativa, fato que vem sendo reforçado pelo Colégio Agrícola PADEFÉ, e o Centro de Pesquisa do Cerrado da Embrapa, todos localizados nas imediações da cidade».

A criação de um setor de agro-indústrias em Planaltina, um centro de troca entre produtor e consumidor, melhoria das estradas vicinais para escoamento da produção dos núcleos rurais da cidade, e uma solução definitiva dos problemas de infra-estrutura na sua área urbana, são algumas das maiores reivindicações da comunidade, segundo o presidente da Associação Comercial de Planaltina, Pedro Mendes e o administrador Salviano Borges. Ainda de acordo com eles, a comunidade vem reivindicando uma melhoria no sistema de transporte coletivo, apoio ao esporte e ao lazer, implantação de novos postos de saúde, melhoria das escolas urbanas e rurais, mais agências bancárias, construção de centros sociais rurais e a complementação das obras de rede de esgoto na Vila Burity, para as quais no ano passado o GDF liberou 12 milhões de cruzeiros».

## GUARÁ

O nome do Setor Residencial de Indústria e Abastecimento dado ao Guará nunca foi aceito por sua comunidade, como dizem os seus representantes, lembrando também que a população do local reclama o fato de aquela cidade ainda não ter sido reconhecida como uma satélite. Construída em 1969 para abrigar operários que trabalhavam junto ao Setor de Indústrias e funcionários públicos de menor poder aquisitivo, na opinião do administrador Francisco Brandes, «o Guará vem caminhando para ser, no futuro, um bairro de elite, ou um bairro de classe média alta, que já não suporta as condições de vida no Plano Piloto».

Continua